

**PATERNIDADE E MÍDIA:
REPRESENTAÇÕES SOBRE O PAI NA CONTEMPORANEIDADE¹**



Pascale CHECHI²

Betina HILLESHEIM³



Resumo

Considerando-se, a partir das contribuições dos Estudos Culturais, que a mídia produz subjetividades e identidades, conformando determinadas formas de ver, compreender e agir no mundo, o presente trabalho visa a compreensão de como estas têm representado a paternidade. Para a produção de dados, realizou-se uma análise da coluna “Conversa de Homem”, publicada na revista “Pais e Filhos”, buscando discutir como a mídia representa os sentimentos que envolvem a paternidade e quais os sentidos produzidos sobre a mesma na contemporaneidade. Os resultados apontam que a mídia enfatiza, a partir de uma comparação com os pais da tradicional família burguesa, uma mudança na maneira do homem viver e sentir a paternidade, sendo sua participação considerada mais atuante. Percebe-se também que a mídia idealiza a maneira com que o homem vivencia a paternidade, prescrevendo determinadas formas de ser pai que desconsideram as diferenças relativas aos diversos marcadores identitários que atravessam estes sujeitos.

Palavras-chave: Mídia. Paternidade. Estudos culturais. Psicanálise.

A mídia não é apenas um entretenimento, fonte de lazer e informação, mas um lugar de aprendizado sobre pessoas, vivências, conceitos, condutas e modelos. Além disto, a mídia é um lugar no qual circulam os discursos considerados ‘verdadeiros’ em nossa sociedade, dando voz a várias instituições e sujeitos, assim como criando um discurso próprio (FISCHER, 2001). Deste modo, o propósito deste trabalho não é no sentido de estabelecer relações de causa e efeito, traçando um raciocínio esquemático sobre uma suposta ‘influência da mídia’, mas, seguindo as contribuições desta autora, pressupõe-se que a mídia produz modos de subjetivação, uma vez que

constrói formas de ser e compreender o mundo (FISCHER, 2005). A partir disto, entende-se que os discursos estão implicados naquilo que as coisas são, ou seja, estes não apenas descrevem, mas, ao fazer isto, inventam as próprias coisas (COSTA, 2000).

As reflexões decorrentes deste trabalho apóiam-se, assim, nos Estudos Culturais. Salienta-se que estes não se constituem como um campo homogêneo e disciplinar, possuindo um caráter não apenas interdisciplinar, mas antidisciplinar, não-disciplinar ou mesmo pós-disciplinar (VEIGA-NETO, 2000). Seu campo teórico apresenta-se, desde sua gênese, como polimórfico e transformativo de conceitos como cultura, representação e poder, tomando-os em sua positividade e problematizando os binarismos presentes na tradição ocidental - alta cultura x baixa cultura; realidade x fantasia; opressores x oprimidos, etc. (GOULART, 2000). Como salientam Wortmann e Veiga-Neto (2001, p. 33), “boa parte dos Estudos Culturais rejeita aquilo que Lyotard chamou de metanarrativas iluministas e que serviu de base para o pensamento e para a vida na Modernidade”. Além disto, pode-se analisar os Estudos Culturais a partir de duas perspectivas: 1) política, na medida em que pretendem que suas análises funcionem como uma intervenção no campo político e social e 2) teórica, visto sua intenção de constituir um novo campo de estudos, a partir de sua insatisfação com os limites disciplinares (GUARESCHI, MEDEIROS e BRUSCHI, 2003).

Cultura, portanto, deixa de ser domínio de erudição, um conceito impregnado de hierarquia e elitismo, abrindo-se para um outro eixo de significados que incorpora novas possibilidades de sentidos. Os Estudos Culturais voltam-se para problematizações sobre o conjunto da produção cultural de uma sociedade. Entendendo a cultura como um conjunto de práticas de significação, deve-se considerar que, por exemplo, as músicas de um grupo de rock ou um determinado programa de televisão não são somente manifestações culturais, mas “são artefatos produtivos, são práticas de representação, inventam sentidos que circulam e operam nas arenas culturais onde o significado é negociado e as hierarquias são estabelecidas” (COSTA, SILVEIRA e SOMMER, 2003, p. 38).

Na contemporaneidade, a mídia tem sido apontada como responsável pela reorganização do campo das relações culturais, fazendo-se presente através da televisão, jornais, revistas, cartazes nas ruas, propagandas, etc. Existe ainda um tipo de mídia especializada, que fala de maneira direcionada a determinado público, buscando utilizar a linguagem e focar temas que despertam

o interesse daqueles sujeitos. Sendo assim, a paternidade também se torna alvo da mídia, que busca abordá-la de várias maneiras: na ficção ou mediante histórias reais, em propagandas ou em reportagens com especialistas de diversas áreas, tais como psicólogos, médicos, pedagogos, etc.

Na pesquisa da qual se origina este artigo buscou-se na revista “Pais e Filhos”, mais especificamente na coluna “Conversa de Homem”, especialmente dedicada aos homens que são pais, analisar como a mídia representa a vivência da paternidade. A partir disto, discute-se como a mídia representa a paternidade e os sentimentos associados à mesma, assim como as diferenças e semelhanças da representação do pai ‘contemporâneo’ daquele comum à família tradicional burguesa.

Deve-se assinalar que os Estudos Culturais afastam-se da noção clássica de representação, a qual se relaciona à apreensão de uma suposta realidade. Assim, conforme Silva (2001, p. 44):

as representações culturais não são simplesmente constituídas de signos que expressam aquelas coisas que supostamente “representam”. Os signos que constituem as representações focalizadas pela análise cultural não se limitam a servir de marcadores para objetos que lhes sejam anteriores: eles criam sentidos.

A opção em trabalhar os dados dessa revista se deu pela mesma voltar-se para a questão da educação das crianças e ser dirigida, portanto, a mães e pais. O título da coluna analisada é bastante explícito no que se refere à delimitação do público a quem se dirige, ou seja, para homens/pais. Além disto, trata-se de uma revista de grande circulação, inclusive com edição eletrônica na internet. Foram analisadas as edições de junho a dezembro de 2006.

Para o desenvolvimento da análise, aborda-se, em primeiro lugar, a questão da paternidade, tanto no que se refere à configuração social da família em uma sociedade tradicional burguesa, quanto os aspectos referentes às mudanças que estariam acontecendo na contemporaneidade. Além disto, a partir de leituras sobre a família e a Psicanálise, enfoca-se a função do pai nesta configuração, considerando que esta teoria se constitui como um importante discurso na construção da noção contemporânea de paternidade.

Família: um objeto em transformação

Muitas mudanças têm ocorrido na maneira de ser e de se relacionar de homens e mulheres. Essas mudanças partem de uma transformação no modelo tradicional burguês, que por muito

tempo serviu de padrão para determinar a forma de relacionamento ideal do homem e da mulher, tanto com o mundo como entre si (SANTOS, 2001).

O modelo familiar burguês constituiu-se a partir do século XIX nas classes médias urbanas. Com a implantação do trabalho capitalista, era necessário que homens trabalhassem nas fábricas, já que havia supressão do trabalho escravo, sendo que, para que o custo de reprodução do trabalho fosse garantido, o trabalho doméstico feminino, não remunerado, era indispensável. Sendo assim foi implantado o modelo familiar tradicional burguês (STASEVSKAS, 2004).

Neste modelo, segundo Malheiros (1999), a mulher era representada, predominantemente, como mãe, esposa e dona-de-casa. A mulher deveria buscar um marido que a protegesse, que por ela decidisse e pensasse, e filhos num lar onde seria seu mundo, pois o mundo externo não deveria interessá-la. Tais referências eram tidas como as únicas acessíveis ao universo feminino. Por sua vez, o homem era tido como provedor, responsável pela determinação da lei dentro da casa; não participava da criação dos filhos, tampouco nos trabalhos domésticos, sendo que seu mundo era externo ao lar, ou seja, o mundo público (STASEVSKAS, 2004). Vale ressaltar que este modelo se adequava aos indivíduos pertencentes às classes médias urbanas, já que em outras classes sociais, mesmo no modelo tradicional burguês, a mulher trabalhava fora, muitas vezes combinando o trabalho doméstico com pequenos serviços e o comércio.

Em meados do século XX, algumas mudanças macroeconômicas, como o declínio na manufatura e o aumento dos setores de serviços e consumo, assim como as lutas feministas, favoreceram a entrada da mulher no mercado de trabalho. As mudanças no clima político também contribuíram para que as mulheres fossem em busca de novos interesses, pois fortaleceram a idéia de igualdade em direitos e deveres com os homens. Avanços científicos, particularmente o surgimento do preservativo masculino e da pílula anticoncepcional, também propiciaram maior liberdade para homens e mulheres no que tange ao exercício de sua sexualidade (SOUZA E RAMIRES, 2006). A partir destas mudanças, alguns autores, como Malheiros (1999), consideram que o homem passou a se inserir mais nas atividades familiares. As mesmas lutas que buscaram uma igualdade de direitos entre homens e mulheres permitiram a diminuição das responsabilidades masculinas em relação ao sustento do lar e ao contexto social.

Grzybowski (2003) considera que o “fenômeno do divórcio” é outro fator de transformação no modelo tradicional de família, determinando novas configurações que colocam em xeque este modelo e admitindo a vivência de novas experiências familiares para homens e mulheres.

Embora não exista uma regra, um modelo determinado para ser pai e mãe, o que se percebe como comum no discurso sobre o homem é um confronto com o chamado chefe-provedor, pai da antiga família tradicional (UNBEHAUM, 2000). Neste sentido, Miller (2006) ressalta que se torna errôneo buscar normas ou categorias que determinem a melhor maneira de ser pai ou mãe na atualidade. A autora versa que muitos pais têm conseguido cuidar sozinhos de seus filhos, dando-lhes o carinho e atenção aos cuidados essenciais, ou seja, desempenhando as funções representadas como maternas. Em seu entendimento:

ao contrário da família patriarcal, estamos agora numa fase de experimentação sadia dos papéis sexuais, e, nesse estágio, reforço-me para falar sobre o “papel social” do pai ou da mãe sem cair em categorias normativas ultrapassadas (MILLER, 2006, p. 14).

Freitas, Coelho e Silva (2007) realizaram um estudo com *casais grávidos*, no intuito de investigar os sentimentos dos homens em sua vivência como pai. Segundo as autoras, vários sentimentos envolvem o processo de tornar-se pai, já que esse é um processo no qual se deixa de ser filho, o que desperta anseios e temores. Surge no homem uma sensação de responsabilidade sobre a gravidez da companheira e todas as mudanças que esta acarreta, muitas vezes distanciando o homem deste processo. Isso ocorre devido às características socialmente atribuídas ao sexo masculino, o qual é representado como chefe da família e provedor. Portanto, para que este consiga viver a vinda de seu filho, é necessária a revisão destes valores, tanto para o homem, como para a mulher. As autoras afirmam ainda que o sentimento da paternidade somente se materializa após o nascimento, sendo que, em alguns casos, mesmo após este evento, tal sentimento não é perceptível.

Tais questões remetem às mudanças ocorridas nas funções desempenhadas por homens e mulheres comparadas à tradicional família burguesa. Entretanto, tais mudanças não podem ser consideradas ‘naturais’, mas estão relacionadas à cultura, fator indispensável na construção da subjetividade humana (GOMES e RESENDE, 2004).

Algumas contribuições da Psicanálise a respeito da paternidade

Para a Psicanálise, ser pai é algo que vai além de dedicar cuidados básicos à criança, dar carinho ou prover o sustento financeiro da mesma. Freud (1932) assinala que a figura paterna é envolta por uma função que tem seu centro no Complexo de Édipo. Assim, meninos e meninas têm diferentes relacionamentos com o pai, uma vez que as diferenças sexuais determinariam o modo de vivenciar o Complexo de Édipo. Para ambos, meninos e meninas, a mãe é o primeiro objeto de amor; entretanto, no caso dos meninos, há uma intensificação dos desejos eróticos pela mãe e o incremento da rivalidade com o pai, enquanto que, no caso das meninas, há uma mudança do objeto amoroso, que passa a ser o pai.

Nesta visão, o pai é muito importante, visto que é ele quem mostra à criança que há algo além dela e a mãe. Para entender a função do pai na vida do bebê, vale fazer uma breve passagem sobre a evolução psíquica do mesmo.

O relacionamento pai-filho começa antes mesmo do nascimento da criança, visto que a mãe, com um ato de vontade, deve reconhecer o pai e este reconhecer seu filho. Neste movimento, o homem *nasce* socialmente como pai, pois cada cultura define sua forma parental, ou seja, em cada cultura há formas de ser pai (MENENDEZ et al., 2004). Solis-Ponton (2004) ressalta que o pai existe, primeiramente, na mente da mãe, isto é, o bebê associa-se à representação da sexualidade da mãe com o pai. Desta forma, “a criança é o elemento que inaugura a tríade” (SOLIS-PONTON, 2004, p. 35): embora presente no desejo do casal, também é excluída da cena conjugal.

Para Menendez et al. (2004), reconhecido o espaço oferecido pela mulher, o homem deve desejar tornar-se pai. Na cultura ocidental, o pai acompanha a gravidez da mulher, identificando-se com a situação e dividindo sentimentos e sintomas. Portanto, o nascimento do bebê é precedido por uma história que provém dos investimentos maternos e paternos.

Nos primeiros meses de vida, o bebê encontra-se em uma fase auto-erótica, onde a satisfação da pulsão sexual não depende de nenhum objeto externo, mas é um estado anárquico onde as satisfações se realizam no próprio corpo. Nesta fase, ainda não existe o eu formado (GARCIA-ROZA, 1995). Os pais possibilitam que o bebê vivencie uma nova fase através dos investimentos de carinho, atenção, proteção, amor, somados ao auto-erotismo do bebê. Os pais, neste ato, reatualizam seu ideal de eu no filho, mediante um investimento narcísico. Desta forma,

os pais, investindo seus cuidados com prazer e vendo o bebê como um ser separado deles próprios, possibilitam que a criança faça um investimento em seu próprio eu. O bebê se encontra na fase chamada de narcisismo primário, na qual há a sensação de plena e completa paz: ele não necessita de nada mais que a perfeita dupla mãe-bebê. O bebê, portanto, sente seu ego como o ideal, uma vez que ele se constitui como alvo de toda dedicação e amor da mãe (MOHR, CAMPOS, FENSTERSEIFER e MACEDO, 2002).

Lebovici (2004) entende que o princípio do narcisismo primário desempenha um importante papel no processo de tornar-se um pai ou uma mãe, destacando que, na teoria freudiana, o narcisismo dá o sentimento da própria existência e possibilita que a criança sinta-se viva mesmo na ausência da mãe. Como marca Solis-Ponton (2004), ao mesmo tempo em que a criança constrói a si mesma, ela constrói e parentaliza os pais.

Lebovici (2004) pontua que, desde cedo, a criança percebe a distinção entre os cuidados maternos e paternos. Embora, inicialmente, o pai funcione como um auxiliar da mãe, ele cumpre uma função no sentido de contextualização das trocas entre a mãe e o bebê. Nesta direção, Menendez et al. (2004), citando o trabalho de Mazet e Stolen, colocam que o bebê percebe que o contato com o pai é diferente do da mãe, sendo que seus toques são fortemente libidinizados: as trocas paternas produzem um estado de alerta e tensão que possibilitam a emergência de ritmos motores regulares. Deste modo, o pai, com seu tônus diferente do da mãe, dá ao bebê a diferença, procurando sustentá-lo e contê-lo. Pai e bebê aprendem juntos a conviver. Porém, estes autores assinalam que o pai deve sustentar a relação mãe-bebê e não substituí-la, pois a criança necessita dos cuidados de ambos. A tríade surge a partir das intervenções do pai diretamente com o bebê e indiretamente através da mãe, na medida em que criança percebe que o pai a separa da mãe.

Neste momento, chega-se ao ponto em que o pai marca definitivamente sua presença na vida libidinal do bebê, isto é, este deve perceber que não é o foco único e principal de sua mãe, mas que existe um terceiro, instaurando-se a triangulação edípica. Com o início do Complexo de Édipo, a criança deve perceber que existe um mundo ao seu redor, além dele e da mãe, dando-se conta de sua incompletude, das diferenças existentes entre pai e mãe e também da necessidade de completar sua falta através do outro (MOHR, CAMPOS, FENSTERSEIFER e MACEDO, 2002).

Dor (1991) traz que o pai é como um 'embaixador' que apresenta seu governo ao 'estrangeiro'. Com essas mesmas palavras, o autor vem explicar que o pai simbólico apresenta

sua autoridade, para a entidade estrangeira mãe-filho. Autoridade esta que determina a proibição do incesto. Sendo assim, essa lei é apresentada através de uma ‘negociação imaginária’ que acontece entre as figuras familiares pai-mãe-filho, formando a triangulação edípica.

Para Aulagnier (1979), o pai é o primeiro representante dos outros, ou seja, antes do bebê identificar o pai, só existe ele e a mãe. Para a autora, o desejo do pai é fundamental para que a criança exista enquanto sujeito independente daquilo que a mãe idealiza para seu bebê. Neste sentido, a função paterna é marcada por três referentes: aquilo que a mãe deseja transmitir ou interditar do pai; a função que a criança e a mãe atribuem ao pai; e a função que o próprio pai se atribui. Sobre este último ponto, cabe assinalar que, ao ter um filho, o pai está revivendo o desejo de morte que ele viveu com seu próprio pai. Com isso a relação pai-filho será marcada pelo amor e pelo ódio, uma vez que o pai será tanto um objeto a seduzir como um rival.

Calligaris (1999) aproxima as palavras castração e educação, colocando-as como sinônimos, já que com as duas se pretende que o sujeito encontre sua posição na sociedade, como cidadão pertencente de uma cultura. Portanto, a relação pai-filho é feita de um acordo: o filho poderá chegar a ser pai um dia, assim como seu pai, sem deveres para com a família, sem débitos a cumprir; para isto, deve entender que precisa respeitar a ordem das gerações, desejando outras mulheres que não a sua mãe. Por sua vez, Lebovici (2004), ao comentar a questão da paternidade na atualidade, considera que, diferentemente de no passado, quando as famílias eram marcadas pelo poder do pai, hoje ocorre um enfraquecimento do papel do homem, sendo que, muitas vezes, este fica numa posição desvalorizada narcisicamente.

Mídia e representações da paternidade

Hennigen (2003) nos traz que os discursos produzidos pela mídia não apenas retratam aquilo que é presente na vida do indivíduo, muitas vezes no intuito de vender uma marca ou uma idéia, mas produzem identidades, re-significando aquilo que é presente no comportamento do sujeito ou pautando novas formas de compreender o mundo. Deste modo, o sujeito acaba por se identificar com aquilo que é apresentado, tomando para si o que é proferido.

Fischer (2006), referindo Foucault, coloca a mídia como um dispositivo, onde discursos se cruzam como rede, que irão formar e transformar a subjetividade humana. Sabat (apud

HENNIGEN, 2003) fala da mídia como algo de caráter pedagógico, algo como um “currículo social”, pois ensina formas de pensar, de agir, de se relacionar com o mundo.

A coluna “Conversa de Homem” traz, a partir de entrevistas com homens, questões relativas à vivência da paternidade, abordando as experiências masculinas a partir do nascimento dos filhos, seus sentimentos e as dificuldades enfrentadas diante da paternidade. Mediante a análise das colunas publicadas no período de junho a dezembro de 2006, buscou-se compreender como a mídia representa a paternidade atual, isto é, o que é ser pai hoje a partir do discurso midiático, utilizando-se as contribuições dos Estudos Culturais. Destaca-se que esta perspectiva não prescreve um modo tradicional de fazer pesquisa, nem segue uma metodologia pré-estabelecida, mas tem como ponto central uma nova maneira de situar e conceber a cultura (COSTA, 2005). Entende-se assim, como propõe Fischer (2001), que mais do que a compreensão imediata de seus textos ou a decodificação de imagens por parte do público, ao nos ocuparmos com os discursos produzidos e veiculados pela mídia, é importante compreender seus efeitos no sentido de produção de sujeitos, visto que diversas posições e formas de subjetividade podem ser lidas a partir de um campo enunciativo.

“Representação envolve as práticas de significação e os sistemas simbólicos através dos quais estes significados – que nos permitem entender nossas experiências e aquilo que nós somos – são construídos” (MEYER, 2000, p. 58). Para a autora, a representação diz respeito às práticas de produção e de partilha de sentidos na cultura, as quais implicam relações de poder – o poder de definir, classificar, nomear, descrever, excluir, incluir, construindo determinadas posições-de-sujeito a partir das quais os indivíduos e/ou grupos podem falar e/ou serem falados.

Falar em posições-de-sujeito significa referir-se à cultura como interpeladora, no sentido de recrutar indivíduos ou grupos sociais a se identificarem com determinados discursos, tomando-os como verdade e sujeitando-os a determinados significados que os tornam como são. As práticas culturais constituem, assim, identidades e subjetividades (BERNARDES e HOENISCH, 2003). Como pontua Hall (2000), as posições-de-sujeito, na medida em que são construídas pelas práticas discursivas, não são fixas, mas representações, as quais não podem ser ajustadas aos processos de sujeito nelas investido.

Deste modo, discutem-se aqui algumas das representações sobre paternidade que emergiram da análise, as quais foram denominadas: o pai participativo, a idealização da

paternidade e a magia do nascimento do filho. A seguir, desenvolve-se cada uma destas representações, buscando pensar sobre como estas conformam determinadas formas de ser pai.

Construindo um pai participativo

A coluna “Conversa de Homem” salienta o desejo do homem pela paternidade. Nesta perspectiva, coloca-se que o desejo do homem de ter filhos pode se constituir como um dos motivos de rompimento das relações, visto que algumas mulheres não corresponderiam a isto, apesar de, convencionalmente, acreditar-se que é da *essência* feminina o desejo pela maternidade.

“Meu primeiro casamento não deu certo porque minha esposa na ocasião não queria. Quando completamos três anos de casados, eu já sonhava em planejar a vinda de uma criança” (Dezembro, 2006).

“Joana foi uma surpresa na vida de Alex e pulou para a realidade igualzinha como ele a viu em sonhos [...]. Sempre quis ser pai, ter aquela sensação maravilhosa de carregar um serzinho no colo” (Julho, 2006).

Nas situações de divórcio trazidas pela revista, percebe-se que o homem insiste em ficar com a criança, sendo que, quando isso não é possível, procura ser o mais presente possível, compensando os momentos de ausência. Assim, o homem buscaria participar da educação dos filhos. Exemplifica-se com os trechos a seguir:

“Logo que ela nasceu me mudei para o Rio de Janeiro, pois queria ficar perto da Isabela, que morava com a mãe em São Paulo. Mas, depois de um ano, a distância continuava grande, e eu, que não me imaginava morando em São Paulo, me mudei para ficar ainda mais perto dela” (Outubro, 2006).

“Por ser criada de maneiras tão diferentes (eu tenho meu jeitinho de educar, a Marcela tem o dela) Isabela se dá muito bem com pessoas e situações variadas” (Outubro, 2006).

Conforme a revista, os pais participariam da chegada dos filhos durante toda a gravidez. A mídia fala de pais participativos, que auxiliam a esposa em todos os momentos, desde a concepção. Homens mais sensíveis que apóiam suas mulheres, dando-lhe segurança e condições para que elas tenham uma gravidez tranqüila e que participam do parto, tanto no acompanhamento do processo ou até mesmo no auxílio direto a este.

“Quando Diana nasceu foi como uma iluminação já que a dádiva da gestação concentrava-se na barriga da minha mulher, só me restava, como futuro pai, estar presente enviando vibrações de amor para aquela criança que crescia em seu ventre. Mãe e criança. Tão próximas que a nós, pobres mortais, resta cuidar para que tudo esteja bem e bom durante a gravidez” (Setembro, 2006).

“Na primeira noite em casa, não saí de perto da Joana. Dormi atravessado na cama, com os ouvidos grudados no berço, atento a qualquer movimento e com medo de não ouvir caso ela chorasse” (Julho, 2006).

“Eu, como se tivesse feito isso toda minha vida, vestindo luvas de borracha, peguei a cabecinha do nenê que começava a sair da mãe e com a ajuda do dr. Marcos puxei para fora minha filha – defino como uma coisa nojenta maravilhosa. Passei a tesoura cirúrgica no cordão umbilical. Ainda sob a guia do dr. Sérgio, dei um banho no nenê e o coloquei na balança [...]” (Maio, 2006).

“[...] o mais próximo de todos, pois o acompanho desde o parto, coisa que antigamente não se praticava. Pude cortar seu cordão umbilical, para, depois de cumprido os rituais necessários, (chocantes) de desentupimento das narinas e outros orifícios correlatos, enrolado em uns paninhos, levá-lo para a mãe sonolenta e embriagada de felicidade” (Junho, 2006).

Esses pais mais sensíveis dos quais fala a mídia também se sentem inseguros, com medo, sem *coragem* de enfrentar o parto de que tanto planejaram participar, estremecem perante a responsabilidade de cuidar e prover o filho, sentem-se felizes e realizados com a chegada do bebê. Há uma preocupação em não conseguir ser um bom pai, capaz de dar aquilo que o filho merece, tanto no sentido financeiro, como no vínculo estabelecido.

“[...] a pequena nasceu, fui o primeiro a colocá-la nos braços. Uma emoção enorme misturada com uma grande sensação de desamparo: não sabia por onde começar. Pai de primeira viagem é complicado, se preocupa com tudo e fica muito inseguro [...] Senti uma responsabilidade absurda” (Julho, 2006).

“Como pai, fico inseguro, de vez em quando sinto medo de estar tirando a infância dele, mas me consolo com o fato que tem muitos primos e convive com eles” (Novembro, 2006).

Neste sentido, a mídia constrói a imagem de pais preocupados com o bem-estar da criança. Tais pais dizem que se transformaram em outra pessoa após o nascimento do bebê, pessoas mais

ambiciosas, que querem mais para poder dar ao filho, buscando ser pessoas melhores para se constituírem como exemplo.

“E eu compreendi a beleza e o horror de ser pai [...] Entendi que minha primeira filha me motivara a crescer e a assumir a nova pessoa dentro de mim” (Setembro, 2006).

“Agora repenso as minhas prioridades e, se tenho uma grana sobrando, naturalmente prefiro comprar uma coisinha para ela a investir o dinheiro em algo para mim” (Outubro, 2006).

Desta maneira, a mídia constrói uma forma de ser pai, forma essa tida como ideal, mais adequada, de pais que se colocam como amigos de seus filhos e de filhos que participam da vida de seus pais em praticamente todos os momentos: no trabalho, nos momentos de lazer, com amigos em comum. Segundo a revista, os pais parecem admirar seus filhos mais que os filhos admiram os pais, o que mostra uma forma de família diferente da família tradicional burguesa, em que o pai é colocado como superior e distante do filho.

“A gente se curte pacas, ele convive com meus amigos e às vezes, quando chega o fim de semana, é até engraçado, é ele quem pede para visitar algum amigo meu. Somos companheiros” (Novembro, 2006).

“Ela vai ser minha parceira e não uma bonequinha de porcelana. Além de filha, quero que seja minha amiga” (Outubro, 2006).

“Hoje, com 6 anos, Isabela participa constantemente da minha vida. Conhece meu trabalho, meus amigos e faço muita questão disso. Quero que eles também sejam amigos dela, e que a minha vida também faça parte da dela” (Outubro, 2006).

Vê-se que a mídia fala sobre as mudanças ocorridas da família tradicional burguesa para a família contemporânea, porém enfocando os fatos e sentimentos de maneira isolada, sem mostrar se há momentos de dificuldade no vínculo pai e filho. A concepção do pai como aquele que dá as primeiras noções da lei para a criança, tal como assinalado pelo discurso psicanalítico, não é enfocada pelas colunas analisadas. Percebe-se um acento na representação de um pai participativo, que deve gratificar o filho, não se abordando a paternidade também como um lugar de suporte para a criança, a qual deve crescer em um mundo que também traz frustrações. Tal representação aponta na direção da crítica realizada por Melman (1999) no que se refere à educação das crianças na atualidade: para o autor, há nos pais um desejo ideal para os filhos, ou

seja, que estes sejam crianças perfeitas, felizes, sem a existência de nada impuro, sujo ou em desordem, ocasionando uma dificuldade para impor regras e limites. Tal dificuldade dos pais coloca as crianças como portadoras de um ‘gozo ilimitado’, fazendo com que as mesmas fiquem numa posição de abandono.

Idealização da paternidade

No material analisado, percebe-se que a mídia enfatiza uma mudança nas funções dos pais e mães, enfocando que hoje os pais dividem as tarefas domésticas e o cuidado com as crianças, sendo que ações tidas como femininas já não podem ser consideradas exclusivas das mulheres. Deste modo, segundo a revista, o homem também se responsabiliza pelos cuidados com os filhos, tais como: trocar fraldas, acordar à noite devido ao choro do bebê, buscá-lo na escola, despender tempo para brincar, alimentá-lo, preocupar-se em verificar se está aquecido ou respirando enquanto dorme, etc. Tais cuidados não se limitam ao filho, mas também revelam uma preocupação com a mulher, quando, por exemplo, a coluna relata sobre o homem que substitui a companheira durante a noite, visto ela ter passado o dia junto ao bebê:

“Daí pra frente, eu acordava toda noite par atender Diana, assim minha mulher podia repousar do dia exaustivo” (Setembro, 2006).

Diferentemente do discurso psicanalítico sobre a função paterna, há a construção de um pai extremamente presente e facilitador das vontades do filho, que não mais impõe leis e limites. Por outro lado, a mãe é representada como tendo um comportamento mais firme do que o do pai, sendo que, segundo a revista, este marcaria sua presença na vida do bebê de maneira positiva e não disciplinadora, constituindo-se como um pai permissivo.

“Eu sempre fui pessoa extremamente fria, fiquei todo sensível. Tanto é que hoje em dia é assim: minha mulher é a parte disciplinadora e eu sou aquele paizão que estraga” (Dezembro, 2006).

Porém, percebe-se uma omissão de fatos, sendo que, ao mesmo tempo em que é dito que o pai exerce cuidados que eram tidos como maternos, não se explicita como esses cuidados são realizados, as dificuldades encontradas ou as questões referentes à presença da mãe. Desta maneira, há momentos em que a mãe parece ser dispensável, como se não houvesse a necessidade de sua presença para o pai ou para a criança.

Além disto, tal como aponta Hennigen (2003), no intuito de vender uma marca e/ou formar modos de ver e compreender o mundo, a mídia trata da vida dos sujeitos a partir de um encantamento, de uma ‘magia’. Nas histórias narradas pela coluna, há um tom ‘sobrenatural’ no relacionamento do pai com seu filho, como se, por exemplo, não fosse necessário existir nenhum contato ou exame para que o homem saiba o sexo da criança que irá nascer. O ‘bom’ pai é aquele que *sente* qual o sexo do bebê e, por intuição, já sabe, inclusive, qual deve ser o seu nome.

“Até que, a certa altura, sabíamos: sentíamos, curiosamente, que uma menina estava a caminho. Da mesma maneira que sentimos o momento exato da concepção” (Setembro, 2006).

“Uma filha estava a caminho. Sim, eu sabia que era uma filha desde o primeiro momento” (Agosto, 2006).

“Vai ser menina e tem de se chamar Joana” (Julho, 2006).

A mídia enfoca apenas os sentimentos positivos da paternidade e as dificuldades são narradas de forma poética, natural. Os problemas são tidos como irrisórios, não enfocando como os pais fazem para solucionar as dificuldades que surgem. Elas até são faladas, mas não descritas ou aprofundadas, dando a impressão que essas dificuldades são banais e que acabam estreitando os laços da nova família, fazendo com que os pais se tornem mais confiantes.

“Claro que as dificuldades surgem, não é nada fácil criar um filho tão novo, mas também não é um bicho-de-sete-cabeças” (Outubro, 2006).

“Quem não tem vocação nem leva jeito, basta amar tanto quanto não cabe num coração que por isso transborda” (Agosto, 2006).

Portanto, há uma idealização da paternidade, como se o desejo do homem em tornar-se pai fosse *natural* e não houvesse problemas e dificuldades a partir do nascimento do filho, sendo que, quando caso isto ocorra, um *bom* pai teria a capacidade de lidar com a situação. O indivíduo se vê, assim, na posição de confrontar suas possibilidades pessoais de desejar e criar um filho e o modelo idealizado pela mídia, o qual impõe estilos e padrões de conduta generalizantes.

Nascimento e paternidade: a magia de um momento

De acordo com a análise realizada, há um instante em que cada homem sente-se pai: o nascimento do filho. Esse instante é descrito como mágico, envolto em mistérios, cheiros, sensações e olhares característicos, que demonstram a importância daquele momento. O

momento do nascimento marcaria, assim, um marco no sentimento de paternidade, sendo narrado como uma espécie de *insight* e não como um processo que dependeria da vivência de cada homem.

“Foi transcendental. Senti-me o iluminado pai da criaturinha, que entre um abrir e fechar de olhos, enviava o recado em forma de energia: 'Pai, cheguei!’” (Setembro, 2006).

“No silêncio dos passos cuidadosos, de repente estanquei. No ar, a indefinível fragrância. No rosto da criança que dormia, a serenidade. Quem me ensinou foi a Sofia. Antes mesmo de falar ou sorrir, ela mostrou-me que eu era pai” (Agosto, 2006).

“Senti uma emoção absurda, mas era diferente. Naquele momento eu só consegui pensar em uma coisa: 'Essa pessoa é quem vai olhar para mim e enxergar o que eu enxergo quando olho para o meu pai” (Outubro, 2006).

Nesta perspectiva, os homens sentir-se-iam como pais somente após o nascimento do bebê. Esse sentimento envolveria a presença física do bebê, mas também a responsabilidade que este traz consigo, ou seja, mudanças na organização familiar, no espaço doméstico e na relação do casal. Tais mudanças tornar-se-iam, a partir do nascimento, mais *visíveis* para os homens.

“Mas o gostinho de ser pai, a sensação gostosa de paternidade veio antes mesmo de ela nascer. Tenho uma coisa diferente com ela, parece que a gente tinha mesmo de ter se encontrado. Incorporei a missão pai desde o começo e com o maior amor do mundo” (Julho, 2006).

“Quando via ele miudinho daquele jeito, o coração apertava, não sei nem explicar o que senti. Só sei que, naquele momento, percebi o que era o sentimento de um pai” (Novembro/2006).

Porém o sentimento que envolve o sentir-se pai é narrado pela coluna como um momento *muito emocionante* para cada homem, algo que provoca uma mudança na maneira de ver e lidar com o mundo. Esse momento é compreendido como uma vivência única para cada homem, sendo enfatizado que o sentimento de paternidade será inevitável, respeitando-se o *tempo* de cada um. Assinala-se aqui que tal sentimento não é questionado no que se refere a sua emergência, sendo considerado algo *natural* e que, portanto, acontecerá para todos os homens que se tornam pais.

“O nascimento de Mateus não fazia parte dos planos, mas já na maternidade Fábio sentiu o que é o amor de um pai. Hoje ele não consegue imaginar sua vida sem o filho” (Novembro, 2006).

“Depois que a Núbia finalmente nasceu, demorou um pouco pra cair a minha ficha. Só depois de um mês, com ela já em casa, foi que eu realmente me dei conta de que havia me tornado pai” (Dezembro, 2006).

Além disto, a paternidade, para ser considerada *plena*, exigiria uma participação intensa do homem na vida de seu filho, sendo que o parto seria um momento especial, do qual aquele deve participar ativamente. A partir disto, o homem sentir-se-ia *mais* pai, apropriando-se da paternidade.

Algumas considerações

A mídia constrói um fascínio a respeito da paternidade: as histórias narradas são rodeadas de *maravilhas*, frases bonitas e expressivas, cercando de encantamento a vivência da paternidade.

Neste sentido, percebe-se que a revista analisada mostra ao leitor um modelo ideal de ser pai: um pai *moderno*, atual, representado como diferente do pai *antigo*, dominador e autoritário. Formam-se, assim, dois pólos; de um lado o pai ideal, contemporâneo, do outro o pai arcaico, tradicional. Deste modo, desconsideram-se diferenças relativas à classe social, orientação sexual, raça, geração, entre outras: todos os pais são representados como pertencentes à classe média urbana, brancos, heterossexuais, adultos jovens, etc. A mídia conforma, portanto, determinados modos de vivenciar a paternidade, identificando esse *pai contemporâneo* dentro de um determinado padrão hegemônico.

É importante a análise daquilo que circula como modelo. O pai dito tradicional, aquele da família tradicional burguesa pode estar longe de ser ideal a ser seguido, pois, como pontua Kehl (2003), é esse pai o protagonista das chamadas históricas nos estudos do Freud. Mas deve-se pensar: quem é este pai dito *atual* ou *contemporâneo*? A que propósitos ele serve? Ou ainda: que formas de ser pai são excluídas a partir desta construção de paternidade?

**PATERNITY AND MEDIA:
REPRESENTATIONS ON THE FATHER IN CONTEMPORANEITY**

Abstract

Being considered, starting from the contributions of the Cultural Studies, that the media produces subjectivities and identities, conforming certain ways of view, understand and act in the world, the present work seeks to understand the way in which this has been representing the paternity. For the data production, it was done an analysis of the column "Conversas de Homem" (Men Talk), published in the magazine "Pais e Filhos", aiming to discuss the way in which the media represents the feelings that involve the paternity and which are the meanings produced about it in the contemporaneity. The results have pointed that the media emphasizes, starting from a comparison with the fathers from the traditional bourgeois family, a change in the man's way of living and feeling the paternity, being his participation considered more active. It is also noticed that the media idealizes the way in that the man lives the paternity, prescribing certain ways of being father that do not take into consideration the relative differences to the several identity markers that cross these subjects.

Key-words: Media. Paternity. Cultural studies. Psychoanalysis.

Notas

¹ Trabalho de conclusão de curso de Especialização em Clínica Psicanalítica Contemporânea da UNISC.

² Profissional com graduação em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (2006). Pós-graduação em Clínica Psicanalítica Contemporânea pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2007). Atua em Psicologia Clínica em Santa Maria e São Borja-RS. Seus estudos e trabalhos estão voltadas para os seguintes temas: relacionamento familiar e conjugal, psicoterapia individual e casal. E-mail: paca_psi@yahoo.com.br.

³ Profissional com graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1989), mestrado em Psicologia Social e da Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2001) e doutorado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do departamento de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, atuando principalmente nos seguintes temas: infância, literatura infantil, políticas públicas de saúde, corpo e gênero. E-mail: betinah@viavale.com.br.

Referências

AULAGNIER, Piera. *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BERNARDES, Anita; HOENISCH, Julio César D. Subjetividade e identidade: possibilidade de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Neuza M. de F.; BRUSCHI, Michel E. (Orgs.) *Psicologia Social nos Estudos Culturais*. Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 95-126.

CALLIGARIS, Contardo, et al. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios, 1999.

COSTA, Marisa Vorraber. Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura. In: CANDAU, V. M. (Org.) *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DPeA, 2000.

COSTA, Marisa V.; SILVEIRA, Rosa H.; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 23, mai./jun./jul./ago. 2003.

COSTA, Jociane Rosa de Macedo. Redesenhando uma pesquisa a partir dos Estudos Culturais. In: COSTA, M. V.; BUJES, M. I. E. (Orgs.) *Caminhos investigativos III*. Riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras. Rio de Janeiro: DPeA, 2005. p 85-116.

DOR, Joël. *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

FISCHER, Rosa M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 25, n. 65, 2005.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Infância, mídia e experiência. In: GURSKI, Roselene; DALPIAZ, Sonia; VERDI, S. Marcelo. (Orgs.) *Cenas da infância atual*. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.

FREITAS, F. M. Waglânia; COELHO, C. A. Edméia; SILVA, C. M. Ana Tereza. Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, 2007.

FREUD, Sigmund. Novas conferências Introdutórias sobre psicanálise. [1932]. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XIX.

GARCIA-ROZA, A. Luiz. *Introdução à metodologia freudiana*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1995, v. 3.

GOMES, S. Aguinaldo José da; RESENDE, R. Vera da. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, mai-ago. 2004.

GOULART, Maria Alice H. *O prazer como imperativo, a literatura como meio, os corpos dóceis como fim*. O micropoder dos catálogos de livros infantis. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - UFRGS, Porto Alegre, 2000.

GRZYBOWSKI, S. Luciana. Famílias monoparentais: reflexo da pós-modernidade? In: GUARESCHI, A. Pedrinho, et al. (Orgs.). *Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

GUARESCHI, Neuza M. de F.; MEDEIROS, Patrícia F. de; BRUSCHI, Michel E. *Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento*. In:

GUARESCHI, Neuza M. de F.; BRUSCHI, Michel E. (Org.) *Psicologia Social nos Estudos Culturais*. Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, p. 23-50, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HENNIGEN, Inês. Paternidade e mídia: identidade/subjetividade na cultura contemporânea. In: GUARESCHI, M. Neuza de; BRUSCHI, E. Michel (Org.). *Psicologia Social nos estudos culturais*. Petrópolis: Ed. Vozes: 2003.

KEHL, Maria Rita. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C. *Direito de Família e Psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

LEBOVICI, Serge. Diálogo Letícia Solis-Ponton e Serge Lebovici. In: SOLIS-PONTON, Letícia (Org.). *Ser pai, ser mãe: parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo : Casa do Psicólogo, 2004, p. 21-28.

MALHEIROS, Fernando. Os laços conjugais e os novos rumos da família. In: CONTARDO, Calligaris, et al. *O Laço Conjugal*. Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios. 1999.

MELMAN, Charles. Sobre a educação das crianças. In: CONTARDO, Calligaris, et al. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Ed. Artes e Ofícios. 1999.

MENENDEZ, Jorge A. B. et al. A função do pai: na consulta terapêutica pais-bebês e no tratamento do transtorno alimentar na criança. In: SOLIS-PONTON, Letícia (Org.). *Ser pai, ser mãe - Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 57-66.

MEYER, D. E. Estermann. *Identidades traduzidas*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC; São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.

MILLER, Alice. *No princípio era a educação*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MOHR, Adriane et al. Narcisismo: o enlace da Mitologia com a Psicanálise. In: MACEDO, Mônica (Org). *Neurose: leituras Psicanalíticas*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002, p. 59-82.

SANTOS, Tania Coelho dos. *Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOLIS-PONTON, Letícia. A construção da parentalidade. In: _____. (Org.). *Ser pai, ser mãe - Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 29-40.

SOUZA, Rosane Mantilla; RAMIRES, Vera Regina R. *Amor, casamento, família, divórcio... e depois, segundo as crianças*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

STASEVSKAS, K. O. *Travessias do feminino no mundo*. Tese (doutorado) - Faculdade de Saúde Pública de São Paulo, São Paulo, 2004.

UNBEHAUM, G. Sandra. *Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias*. Dissertação (Mestrado - Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) - USP, São Paulo, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, Marisa V. *Estudos culturais em educação*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000, p. 37-69.

WORTMANN, Maria Lúcia C.; VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos Culturais da Ciência: que é isso? In: _____. *Estudos Culturais da Ciência e Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 25-47.

Recebido: 15/03/2008

Aceito: 28/06/2008